

Reflexões sobre a Presença de Alunos Afro-Brasileiros nas Escolas Luteranas no Rio Grande do Sul

Selenir Corrêa Gonçalves Kronbauer¹
selenir@feevale.br

Resumo:

O artigo tem como objetivo apresentar o resultado de uma análise sobre a presença de alunos negros nas Escolas Luteranas, em particular na Escola Luterana no Rio Grande do Sul. A análise foi realizada em duas escolas da Rede Sinodal, Escola A e Escola B, ambas situadas no Vale do Rio dos Sinos/RS. Analisei o número de alunos negros e afro-descendentes, que estudam e estudaram nas escolas A e B, a partir da década de 1940, e as relações que se estabeleceram nessas mesmas escolas a partir da inserção de alunos negros, com destaque para a trajetória educacional e a construção identitária em cada um desses dois grupos étnicos.

Palavras-Chave: Identidade, educação, negritude, práxis, etnia, confessionalidade.

Abstract:

The aim of this article is to present an analysis on African-Brazilian presence at Lutheran Schools, in particular in Rio Grande do Sul Lutheran School. The analysis was done in two schools of Sinodal net. Both schools A and B are located in Rio dos Sinos Valley/RS. I analyzed the number of African-Brazilian students who study or studied at school A and B from the 1940's on, and the relations that were established in these schools starting from the African-Brazilians' insertion, with distinction for the educational trajectory and the identity construction in each of these two ethnical groups.

Keywords: Identity, education, negritude, praxis, ethnic, confessionality.

A idéia de analisar a presença de alunos negros nas escolas luteranas no Rio Grande do Sul surge a partir da reflexão sobre a situação de exploração e discriminação que o povo negro veio sofrendo no decorrer da história da escravidão no Brasil. Os imigrantes negros chegaram como escravos, enquanto os imigrantes alemães vieram atraídos pela oferta de condições de vida melhores que em sua terra pátria.

Foi com plena consciência da complexidade do tema e das implicações da questão levantada que me propus o desafio de tentar desvendar, através da minha pesquisa de mestrado, os limites e as possibilidades que esses dois grupos étnico-raciais tão distintos tiveram que enfrentar até obterem os resultados de desigualdade que se apresentam nos dias atuais. Na expectativa de uma resposta para meus questionamentos, formulei a seguinte hipótese: as diferentes trajetórias educacionais da população negra e da população imigrante alemã luterana no Rio Grande do Sul foram determinadas pelas condições materiais de ingresso dos dois grupos em terras brasileiras e pelas oportunidades efetivamente oferecidas, a um e outro grupo, de conservar e vivenciar as suas referências culturais e religiosas no novo contexto.

Um dos aspectos que considerei relevante foi o fato de trabalhar em escolas comunitárias luteranas, o que tornou o olhar mais sensível em relação ao número de alunos, professores e funcionários negros nesses estabelecimentos de ensino e às relações inter-étnicas que ali se foram estabelecendo. Se considerarmos o conjunto das escolas luteranas no Rio Grande do Sul, a

¹ Mestre em Teologia na Área Religião e Educação - curso realizado na Escola Superior de Teologia/ EST em São Leopoldo/ RS; Especialização em Supervisão Escolar pela UFRJ; Curso de Pedagogia realizado no Centro Universitário Feevale em Novo Hamburgo/ RS. Professora no Curso de Pedagogia no Centro Universitário Feevale; Supervisora Pedagógica do Ensino Médio e Cursos Técnicos Profissionalizantes da Escola de Educação Básica Feevale - Escola de Aplicação e integrante/membro do NIGERIA- Núcleo de Identidade, Gênero e Relações Interétnicas. Coordenadora do Grupo Identidade da EST/IECLB e professora na escola Superior de Teologia/ EST.

presença negra é reduzidíssima, quase inexistente. Surge, então, o seguinte questionamento: que fatores influenciaram para obtermos essa situação?

Busquei alguns aspectos na minha trajetória acadêmica. A idéia de analisar a situação educacional do negro brasileiro no Rio Grande do Sul surge com mais força a partir do momento em que passo a conhecer a trajetória educacional dos imigrantes alemães luteranos no Brasil, através da história das escolas comunitárias no Rio Grande do Sul. Passei a refletir sobre as idéias relacionadas à educação abordadas por Lutero e a realidade das escolas luteranas que conheço no Rio Grande do Sul.

Lutero diz que a educação tem a ver com toda a sociedade e que cada cidadão tem uma tarefa a desempenhar, afirmando que “Deus não quer que reis, príncipes, senhores e nobres de nascença governem e sejam donos sozinhos. Quer que também seus mendigos participem”.²

Deus quer preservar o reino secular, para o que necessita de pessoas com sabedoria. Ao encaminharem os filhos para a escola, os pais e a sociedade beneficiam-se. Na concepção de Lutero, a educação tem a ver com toda a sociedade e cada cidadão tem uma tarefa a desempenhar. Os primeiros escritos de Lutero sobre educação datam de 1524, quando escreve aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs, e de 1530, quando faz prédica aos pais para que mandem seus filhos para a escola.³

As escolas analisadas nesta pesquisa fazem parte da Rede Sinodal e são identificadas aqui como **Escola A e Escola B**. Entre os aspectos que serviram para definir quais Escolas da Rede seriam analisadas, destacam-se a localização no Vale do Rio dos Sinos, o berço da colonização alemã no Rio Grande do Sul; o longo tempo de existência das escolas e o meu vínculo e minha convivência com professores, diretores, funcionários, alunos e familiares dessas escolas, o que facilitou muito a dinâmica da pesquisa.

Para alcançar os objetivos deste trabalho, num primeiro momento realizei uma pesquisa bibliográfica, com o intuito de levantar informações sobre o tema do negro e da educação no Brasil e sobre a trajetória dos imigrantes alemães luteranos no Rio Grande do Sul. Fez-se necessário um estudo mais direcionado, trazendo a realidade educacional dos dois grupos étnicos, ao que dediquei especial atenção em capítulos específicos da minha dissertação de mestrado, intitulada *O negro e a educação em escolas luteranas no Rio*

Grande do Sul: o jeito branco de ser negro, orientada pelo Professor Dr. Alceu Ravello Ferraro.

De acordo com Gil, “a pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários.”⁴

Para melhor enfocar alguns pontos importantes, como, por exemplo, o número de alunos negros que estudaram ou estudam em escola luterana, procedi também a uma pesquisa documental nas escolas escolhidas, incluindo especialmente fotos de turma, a tradicional foto da turma com o/a professor/a. Segundo Gil, a pesquisa documental assemelha-se à pesquisa bibliográfica.

O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas há que se considerar que o primeiro passo consiste na exploração das fontes documentais, que são em grande número. Existem, de um lado, os documentos de primeira mão, que não recebem qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. De outro lado, existem os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc.⁵

Foi também necessário buscar, no cotidiano das escolas pesquisadas, aspectos, atividades e programas desenvolvidos nos currículos das diferentes séries. Por se tratar de um assunto que requer, além da pesquisa bibliográfica e documental, uma série de informações mais diretas e concretas, utilizei a entrevista reflexiva como instrumento na coleta de dados. Sobre esse instrumento Heloisa Szymanski nos diz:

Esse instrumento tem sido empregado em pesquisas qualitativas como uma solução para o estudo de significados e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados num formato padronizado (Banister et al., 1994). Lakatos (1993) inclui como conteúdos a serem investigados fatos, opiniões sobre fatos, sentimentos, planos de ação, condutas atuais ou do passado, motivos conscientes para opiniões e sentimentos.⁶

² Martim LUTERO. *Educação e reforma*, p. 107.

³ Martim LUTERO. *Educação e reforma*, p. 17-18.

⁴ Antonio Carlos GIL, *Métodos e técnicas de pesquisa social*, p. 65.

⁵ Antonio Carlos GIL, *Métodos e técnicas de pesquisa social*, p. 66.

⁶ Heloisa SZYMANSKI, *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*, p. 10.

As entrevistas foram realizadas nas duas escolas, com os/as alunos/as negros/as e não-negros/as, que estudam ou estudaram nas escolas pesquisadas a partir da década de 1960 na Escola A, e da década de 1940 na Escola B, com as respectivas famílias e com os professores, funcionários, coordenadores e diretores dessas mesmas escolas. A oportunidade de poder conversar com todos os envolvidos no processo trouxe contribuições significativas para a pesquisa.

Observei que, em muitos casos, nem professores nem alunos têm conhecimento da história real do negro no Brasil e de sua contribuição na construção do país. Assim, por ignorarem os fatos, muitas vezes podem tornar-se responsáveis por situações e práticas de discriminação e de preconceito⁷ entre colegas, bem como de rotulação negativa entre professores e alunos dentro dos espaços escolares.

Em relação ao desconhecimento da história do povo negro e da cultura africana e afro-brasileira, inclusive como parte da população acadêmica que vem direcionando um olhar especial para essa questão, tentando descobrir, através de estudos e pesquisas, as organizações e os movimentos desde os quilombos até os grupos de movimento negro mais atuais.

Na pesquisa realizada nas duas escolas, busquei, principalmente: a) levantar o número de alunos negros que estudaram ou estudam nessas escolas; b) identificar as possíveis causas da quase ausência de alunos negros e alunas negras nessas mesmas escolas; c) analisar a maneira como as escolas luteranas contemplam, a partir da década de 1980, através de seus currículos escolares, a história verdadeira do povo negro no Brasil.

A partir das entrevistas com os diretores, busquei investigar os aspectos que eles consideravam ser o motivo pelo qual o número de alunos/as negros/as nas escolas é tão reduzido. As direções das duas escolas foram solicitadas a responder sobre as seguintes questões: a) os possíveis motivos pelos quais os alunos negros são tão poucos na escola; b) a frequência com que as famílias negras procuram a escola para matricularem os filhos; c) a posição da escola em relação ao pequeno número de alunos negros que estudam ou estudaram na escola; d) o eventual levantamento, pela escola ou pela Rede Sinodal, dos alunos negros que estudam ou estudaram nas escolas; e) a forma de ingresso dos alunos negros nas escolas.

Em resposta às questões acima, os principais aspectos levantados pelos/as diretores/as estão

centrados, em primeiro lugar, na característica da região e da própria comunidade que se formou com a vinda dos imigrantes alemães e, em segundo lugar, na questão financeira. Porém, acreditam os diretores, que será necessário redirecionar o olhar das escolas, em especial, na característica comunitária - para tentar contemplar um número maior de alunos negros, com vistas na realidade que hoje se apresenta.

Todos os diretores afirmaram que, apesar de não haver um monitoramento específico para levantar a frequência com que as famílias negras procuram a escola para matricularem os filhos, estão conscientes de que a frequência é pequena. Entre outros aspectos, surge também a questão da desconfiança, conforme levantado por um ex-diretor da Escola B. Tanto por parte da comunidade negra como da comunidade alemã, circula certa desconfiança: de um lado, pelo estigma da exclusão; de outro, pelo preconceito (no sentido de pré-julgamento sem conhecer).

As direções demonstraram preocupação em relação ao fato e dizem que estão se mobilizando para que a presença negra seja maior, mas percebendo que, por questão das características próprias das escolas, continuaram a manter-se aspectos que identificam as escolas como confessionais luteranas para os filhos dos imigrantes alemães (legado deixado pelos antepassados).

Ao lançar a pergunta sobre a posição da escola em relação ao pequeno número de alunos negros que estudam ou estudaram na escola; abri um espaço para reflexão com vistas à continuidade dessa característica e, ao mesmo tempo, a ruptura para, possivelmente, iniciar um processo de inclusão da comunidade negra no projeto educativo da comunidade luterana brasileira.

Sobre o eventual levantamento, feito pelas escolas ou pela Rede Sinodal, dos alunos negros que estudam ou estudaram nas escolas, a resposta nas duas escolas foi negativa, argumentando que é uma postura das escolas, como rede, evitar procuras direcionadas. Faziam-se e ainda se fazem algumas indagações referentes ao número de alunos luteranos e de outras religiões.

Num segundo momento, passei a investigar sobre a forma de ingresso dos alunos negros nas escolas. Na Escola A, os alunos sempre foram enviados por alguém da comunidade: pastores, professores ou por famílias luteranas que os adotavam. Na Escola B, quase todos os alunos são matriculados pela própria família ou alguns são bolsistas.

Passei à investigação com o intuito de levantar dados sobre a presença de alunos negros nas escolas A

⁷De acordo com o PROGRAMANACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, preconceito é uma indisposição, um julgamento prévio, que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos. [...] com base em estereótipos as pessoas pré-julgam outras; emitem conceitos prévios sobre outras sem nem mesmo conhecê-las. Esse conceito prévio nada mais é do que o preconceito. (p. 14).

e B, analisando documentos e entrevistando a comunidade escolar.

Conforme dados fornecidos pelo secretário da Escola A, de 1961 a 2004, apenas 10 alunos negros estiveram matriculados na escola. Destes, alguns concluíram seus estudos, outros permaneceram por um ano, no máximo dois anos, como alunos da escola. A Escola **A** aparece, assim, com uma frequência menor ainda de alunos negros em relação à Escola B. Conforme já foi dito, essa escola está situada num município com pouca presença de negros e recebe alunos encaminhados por comunidades luteranas do interior do Estado do Rio Grande do Sul e de outros estados, quase todos de origem alemã.

A escola B é uma instituição formada por 3 unidades escolares em espaços geográficos diferentes. Para a organização dos dados, fiz uma tabela em que os organizei, conforme modelo abaixo.

Tabela 1: Número de alunos negros e alunos possivelmente afro-descendentes, identificados com base em fotos de turmas, por ano, série, número de alunos na turma e sexo, a partir de 19....

Escola B, Unidade ...					
Ano da foto	Nº de alunos negros na turma	Nº possivelmente afro-descendentes	Série	Nº total de alunos da turma	Sexo

Na escola B, o total geral de alunos analisados em fotos nas 3 unidades escolares foi de 2.786. Destes, 71 alunos são negros (2,5%) e 63 são possíveis afro-descendentes - (2,3%), totalizando, entre alunos negros e possíveis afro-descendentes, 134 alunos (4,8%). Foram analisadas 750 fotos de turma aproximadamente.

Os resultados expressos nas tabelas e nos depoimentos apresentados demonstraram o quanto é reduzido o percentual tanto de alunos negros como de alunos identificados, com base em fotos de turmas, como *possivelmente* afro-descendentes, que estudaram nas últimas cinco décadas ou ainda estudam nas escolas A e B. Espera-se que essa constatação possa constituir-se, tanto para a Rede Sinodal de Escolas

como para a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil/IECLB, em uma provocação à reflexão e em um desafio a uma ação político-eclesial-pedagógica libertadora, no sentido de se conseguir avançar um pouco mais na tarefa de resgatar o espírito e a práxis de uma escola comunitária para todos. Lembrar as palavras de Lutero pode servir de inspiração e de motivação nesse empreendimento:

[...] sabemos, ou deveríamos saber, o quanto é necessário e útil e o quanto agrada a Deus quando um príncipe, uma autoridade, um conselheiro ou outra pessoa que deve governar é instruída e apta para exercer essa função de forma cristã. Mesmo que não existisse alma e não se precisasse de escolas e línguas por causa da Escritura de Deus, apenas isso já seria razão suficiente para fundar as melhores escolas para meninos e meninas em toda a parte.⁸

Nessa perspectiva, o grande desafio para as escolas - não só para as escolas luteranas, mas para as escolas confessionais e não-confessionais de uma maneira geral - será uma reflexão no sentido de se retomar, no que for possível, a característica inicial da escola comunitária, como se referiu em um dos depoimentos o ex-diretor da Escola B.

Bom, agora vocês têm que optar se querem uma escola para todos os evangélicos ou uma escola evangélica para todos! Eu quero uma escola para todas as pessoas, uma escola evangélica para todos! Esse é o espírito de Lutero que já nos longos idos do Renascimento (era humanista) dizia que todos os meninos e meninas tivessem que ser alfabetizados porque um dos preceitos do luteranismo é a leitura, especialmente da Bíblia.⁹

A concepção de que a confessionalidade estava diretamente ligada à questão da educação fez com que sempre houvesse preocupação no sentido de que a escola estivesse agregada à igreja. Há alguns anos, vêm ocorrendo diversas reestruturações nas comunidades e nas escolas que surgiram como comunitárias e que, por questões de sobrevivência, se tornaram elitizadas, porém possuindo sempre como elemento norteador a relevância da escola para a formação e promoção de todos os seres humanos, independentemente da sua etnia ou crença, mas primando pela identidade cultural e suas raízes.

⁸ Martim LUTERO, *Educação e reforma*, p. 35.

⁹ Entrevista com ex-diretor da Escola B nas décadas de 1970-1980.

Considerações Finais

Ao se observar o contexto em que as escolas luteranas estão inseridas, pode-se perceber claramente a posição de centralidade que até hoje ocupam, no Brasil e especialmente no Rio Grande do Sul, as questões da identidade luterana e da articulação entre as comunidades de imigrantes alemães luteranos e a Igreja Luterana.

O propósito de fortalecimento da fé cristã evangélica esteve sempre presente, mesmo frente às dificuldades de toda ordem, enfrentadas no contexto adverso em que as escolas foram organizadas. A criação do Sínodo Riograndense constituiu-se como marco positivo para a Igreja Luterana, porquanto estabeleceu integração estreita com a Igreja Alemã. Esse momento foi positivo na perspectiva de o Sínodo ter se tornado o articulador e coordenador das comunidades luteranas no Brasil, conseqüentemente, fortalecendo ainda mais a identidade das escolas.

Na perspectiva de dar continuidade aos estudos, entendi esta pesquisa como **um referencial para reflexão nas escolas luteranas, pois** aqui surgiram algumas questões, entre elas: Em que momentos se dão oportunidades ou há possibilidades de se contemplar a história do povo negro num currículo para uma comunidade escolar quase que 100% branca de origem alemã? Onde o negro, ao ingressar na escola luterana, encontrará referência, quando se tem um modelo de educação européia com predominância dos costumes basicamente alemães?

Sendo o Brasil o segundo maior país negro do mundo, perdendo somente para a Nigéria, que está situada no continente africano, não será possível continuar deixando passar despercebido um currículo que não contemple a história da África e Afro-brasileira. O desafio para as Escolas Luteranas que proponho aqui

é o de colocar em prática a concepção teológica e pedagógica de Lutero, ou seja, a educação deveria atingir todas as pessoas, não apenas algumas privilegiadas. Um outro desafio será o estudo e a divulgação da Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que regulamenta a inserção nos currículos escolares e torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira em todas as instituições de ensino de Educação Básica e Formação de Professores.

Finalizo essa reflexão, destacando a importância das palavras *estudo, inclusão e valorização* no sentido de instigar as instituições a perceberem que há necessidade da inclusão de disciplinas que desenvolvam estudos sobre o reconhecimento da participação do negro na construção e no desenvolvimento do país; sobre a História da África e Afro-Brasileira como referência, pois, ao serem **estudados, incluídos e valorizados** nos currículos escolares, poderão trazer contribuições significativas para a mudança de postura da sociedade em relação ao espaço que o povo negro deveria ocupar na sociedade brasileira.

Referências

- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LUTERO, Martim. **Educação e Reforma**. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal, 2000.
- PROGRAMA Nacional de Direitos Humanos. **Brasil, gênero e raça: todos unidos pela igualdade de oportunidades**. 1998.
- SZYMANSKI, Heloisa (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano, 2002.